

RUA PROFESSOR JOÃO AUGUSTO DE TOLEDO

Lei nº 2108 de 13-08-1959

Formada pela rua 10 da Vila Proost de Souza

Início na rua Comendador Bernardo Alves Teixeira

Término na rua Pompilio Morandi

Vila Proost de Souza

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas José Nicolau Ludgero Maselli.

PROFESSOR JOÃO AUGUSTO DE TOLEDO

João Augusto de Toledo nasceu em Tietê, SP, a 12-05-1879 e faleceu em São Paulo, a 21-12-1941. Era filho de Augusto Corrêa de Toledo e Maria de Almeida Lima e foi casado com a profa. Carmela Lombardi de Toledo deixando descendência. João Augusto de Toledo foi historiador, ensaísta, pedagogo, sociólogo, psicólogo, poeta e educador, sobretudo educador. Lente de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal de São Carlos e considerado lente vitalício, de acordo com a lei 1341 de 16-12-1912, foi João Augusto de Toledo a 31-01-1921, removido para igual cargo na Escola Normal "Carlos Gomes" de Campinas, nomeado diretor, em comissão, do mesmo estabelecimento de ensino, e designado para reger a cadeira de Prática Pedagógica da citada Escola, onde permaneceu até 18-06-1925, quando foi nomeado Inspetor Geral do Ensino no Estado de São Paulo. Durante os quatro anos e meio que residiu e lecionou nesta cidade demonstrou sua profunda cultura e sua dedicação ao ensino. E foi entre nós que editou, na tradicional e saudosa Casa Genoud, o sempre lembrado e importante "Sombras que Vivem". Após ser promovido à Diretor Geraldo do Ensino paulista João Toledo foi nomeado Assis-  
tente da 9a. cadeira da Escola Normal da Praça da República, por onde se aposentou a 01-05-1935. Mas continuou ensinando, partilhando o seu conhecimento à criança desvalida no Instituto D. Ana Rosa, até quando faleceu. João Toledo defendeu a inclusão do desenho pedagógico no currículo das Escolas Normais e pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, além de ter representado o Estado, diversas vezes, em congressos pedagógicos. Deixou vasta obra publicada, a exemplo de: "O Crescimento Mental", "Escola Brasileira", "Didática", "Planos de Lição", "São Paulo", "Anhanguera", "Pioneiros do Ensino Primário", "O Bom Ginásiano", "Bandeirantes" e outros. Em sua memória, o Grupo Escolar de Cerquilha, que se localizava no município de Tietê, recebeu o nome de Grupo Escolar "Prof. João Toledo".



LEI N.º 2108, DE 13 DE AGOSTO DE 1959  
DA O NOME DE PROFESSOR JOÃO AUGUSTO DE TOLEDO A  
UMA RUA DA CIDADE

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO  
MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Professor João Augusto de To-  
ledo, a Rua 10 da Vila Proost de Souza, a qual tem início na Rua  
1.º do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua pu-  
blicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de agosto de 1959.

José Nicolau Ludgero Maselli — Prefeito Municipal  
Eng.º José Benedito de Mello — Sec. de Obras e Servs. Públicos  
Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Mu-  
nicipal em 13 de agosto de 1959.

Álvaro Ferreira da Costa — Diretor

3 de Julho de 1957



# Um nome que a cidade pôde e deve homenagear

"... Na clareira da mata, à entrada do campo, quase à beira do rio, foi a taba tupí, onde nasceu Tiassú. Era linda essa aldeia de índios: a residência do chefe e mais seis ocas apenas, longas como túneis, com paredes de canas e ramadas, cobertas com fôlhas de pindoba. Uma fonte clara e sussurrante, dentro da ocara, jorrava de sob a fronda verde de um tufo alto de palmeiras. Em tórno, a encosta, um vasto círculo de fortes troncos, rijamente fincados um ao lado do outro. E, protegendo o cercado, um fosso profundo o contornava, para prevenir surpresa de um ataque inimigo. Nessa minúscula cidade, homens e mulheres, velhos e crianças viviam, sem aperto nem constrangimento, abrigados pela dupla trincheira que as guerras contínuas tornavam necessárias.

Em baixo, duzentos metros talvez, à sombra da mata virgem, espreguiçavam-se as águas mansas do rio, na tranquilidade de um grande lago esverdeado. Ali estava Graúna, sob um Ipê Amarelo, quando nasceu Tiassú, o primeiro dos filhos da Índia mais famosa da aldeia. Tomou-o ela nos braços, lavou-o, ali, na corrente, e, deitando-o nas fôlhas secas, debaixo de um manacá, atirou-se alegre ao banho, como uma pata selvagem. Mergulhou, veio à tona, esborrifou a água em redor, nadou de um lado para o outro, sacudiu os cabelos molhados, correu pela areia da margem, agarrou o filhinho e voou para a oca, onde se achava o marido, o valente Abaeté..."

Quem não se lembra desta e de mais uma centena de lições figurantes em o livro "Sombras que Vivem", de autoria do inesquecível professor João Toledo — João Augusto de Toledo — que ançou aqui por Campinas, em nossa Escola Normal — atual Instituto de Educação Carlos Gomes — lá pelo ano de 1923?

Quem não se lembra dêle, o magnífico mestre de então?

Pois bem. João de Toledo não era campineiro, mas... Viveu entre nós por alguns anos. Editou, aqui em Campinas, na tradicional e saudosa "Casa Genoud" — que por muitos e muitos anos funcionou no prédio hoje ocupado pela "Drogasil" à rua Barão de Jaguará — sempre lembrado e adorado livro, "Sombras que Vivem" São sombras que vivem, pois jamais serão esquecidas por aqueles que lá por volta de 1923 e até 1928 frequentaram os bancos escolares.

João Augusto de Toledo passou. Sua obra, seu livro, sua sombra, a Tapa Tupí, Hans Staden, Anhanguera, Pedras Verdes, Piragibá, A Filha de Iniguassú, Jagunços, Os Pes-

cadores, o Seringueiro, etc., etc., são sombras que não passaram e que jamais passarão. Passarão, isto sim, de pai para filho, para netos e assim sucessivamente, pela eternidade afora.

Pois bem. João Augusto de Toledo não nasceu em Campinas. Mas, que importa isso? Aqui viveu, trabalhou e dividiu, com a cidade, parte do seu saber, parte daquilo que possuía, proporcionando aos filhos de Campinas os ensinamentos básicos para um amanhã venturoso.

João Augusto de Toledo não nasceu aqui em Campinas. Não. Nasceu em Tietê, a 12 de março de 1879, e faleceu na cidade de S. Paulo a 21 de dezembro de 1941 há 16 anos, portanto.

Do "Dicionário dos Autores Paulistas" de Luís Correia de Melo, extraímos:

"... foi aluno da segunda turma da Escola Complementar de Itapetininga, tendo recebido em 1900 seu diploma de professor. No ano seguinte, foi nomeado adjunto do grupo escolar de Serra Negra, sendo no mesmo ano, meses depois, elevado ao car-

João Augusto de Toledo (João de Toledo) — Ex-professor da nossa Escola Normal — Historiador, ensaísta, pedagogo, sociólogo e psicólogo — Esta série de episódios históricos e estas cenas interessantes de usos e costumes nacionais, espalho-as, eu, como sementeira escolhida nos corações de meus patricios — meninos e adolescentes — para aí apressarem a florescência da bondade e do civismo (João Toledo).

— Alôôr Malta Guimarães —

go de diretor. Removido, em 1908, para a diretoria do Grupo de Rio Claro, aí permaneceu até 1913, quando passou a ocupar o cargo de lente de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal de S. Carlos. Foi removido para Campinas a 31 de janeiro de 1921, com a missão de reger a cadeira de Prática Pedagógica da Escola Normal. Em 1925 é nomeado Inspetor Geral do Ensino, e, em 1930, assistente técnico do Ensino Normal em S. Paulo. Em 1932, o governo confia-lhe a direção geral do Ensino no Estado. Exerceu as funções de assistente da 9.ª Cadeira da Escola Normal da Praça da República. Representou S. Paulo em vários congressos pedagógicos. Apontado, consagrou-se à dire-

ção do Instituto Dona Ana Rosa. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Historiador, ensaísta, pedagogo, sociólogo, psicólogo, etc.

BIBLIOGRAFIA: "Aprende a ensinar", por Sheridan White, trad. de parceria com Erasmo Braga, 1922; "Sombras que Vivem", Campinas, tip. Genoud, 1923; "O Crescimento Mental" S. Paulo. Imprensa Metodista, 1925; "Escola Brasileira" Impr. Metodista, 1925; "Didática" São Paulo Liv. Liberdade, 1930; "Planejamento de Licença" S. Paulo Liv. Liberdade, 1934; "São Paulo variações sobre a história paulista, S. Paulo. Impr. Metodista, 1939; "Anhanguera" "Rafael", "O Bom Ginasiano" "Bandeirantes", "Pioneiros de Ensino Primário", etc.

Pois bem. Já dissemos que êle não nasceu em Campinas. Dissemos também que o seu trabalho, sua obra não tinha fronteiras pois toda ela foi destinada ao ensinamento dos campineiros, dos paulistas, dos brasileiros, portanto.

E quem pratica o bem, que trabalha em prol de uma coletividade, não pode ser homenageado em apenas uma cidade ou tão somente em sua cidade natal. O bem não tem fronteiras, não tem pátria.

Assim, salvo melhor juízo, à memória dêle, uma rua é Princesa D'Oeste.

Cam

# João Augusto de Toledo

12-MAIO

ALFREDO GOMES

Três fatos honrosos vinculam-me a João Augusto de Toledo. Cito-os em sequência cronológica: meu professor de matérias de Ensino nos Idos gloriosos de 32, antes de haver assumido a direção da Instrução Pública paulista; em 1937 ter opinado sobre um livro intitulado "Leituras Iniciais", destinado ao 1.º ano do curso primário, realçando, generosamente, o merecimento do trabalho que até hoje conservo inédito, e, finalmente, como 1.º secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, haver-me comunicado e cumprimentado pela eleição para o referido sodalício.

Lembro-me bem de João de Toledo: alto, isimpático, bem apessoado, cabelos penteado para trás, bigode cheio triangular, olhos que ao longe mal se percebiam, trajando com acentuado aprumo, para o que muito concorria o seu físico elegante, voz clara, macia e firme, engenhosa, com ligeira denúncia interiorana, não fosse ele de Tietê. Calmo, muito calmo, metódico na exposição, entusiasta, dedicado, pontual, adivinhando-se facilmente o educador da linha dos grandes mestres que fizeram de São Paulo a Meca da educação.

Sua vida, que se estendeu por sessenta e dois, foi, sobretudo um exemplo, um exemplo pedagógico.

Desde o recesso do lar tieteense, em que nasceu aos 12 de maio de 1879, filho de Augusto Correa de Toledo e de D. Maria de Almeida Lima, ao lar que constituiu e onde faleceu, em São Paulo, num domingo, às seis horas e cinco minutos, vitimado por uma embolia cerebral, aos 21 de dezembro de 1941, sendo sepultado na Necrópole "São Paulo".

Professor, casou-se com uma professora, D. Carmela Lombardi e pertenceu a uma família de professores, pois devotaram-se ao ensino seus irmãos: Erasto de Toledo, meu parainfo na turma de 32 da Escola Normal da Praça, Augusta de Toledo Marques, Francisca de Toledo, Benedito de Toledo, Sarah de Toledo, e suas irmãs Anísio de Toledo Marques e Filomena de Toledo depositaram respectivamente os professores Virgínio de Azevedo Marques e Raul Fonseca.

Como Caxias que pertenceu a uma família de generais, João de Toledo, foi estrela de primeira magnitude de uma constelação do-

cente. Dos filhos, aí estão Aimé de Toledo, Luis de Toledo e Wanda de Toledo, portadores do diploma de professores normais, dignificando-o ao lado dos dois irmãos que optaram pela Medicina, uma outra forma de ser professor ensinando a cuidar do físico para que a alma se sinta forte, como os professores cuidam da alma para que o físico não se degrade.

Fez carreira completa e brilhante. Os marcos no tempo dizem-no com eloquência: 1901, a 22 de março: adjunto do Grupo Escolar de Serra Negra, 15 de maio, dispensa do cargo acima e nomeado diretor da referida unidade escolar; 1908, a 13 de abril: removido como diretor para o Grupo Escolar de Rio Claro; 1913, a 5 de fevereiro: nomeado lente da 12.ª cadeira — Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal de São Carlos; 1916, a 10 de fevereiro: considerado lente vitalício, de acordo com o § 1.º da lei n.º 1.341 de 16-12-912, 1921, a 31 de janeiro: removido para igual cargo na Escola Normal de Campinas, nomeado diretor, em comissão, do mesmo estabelecimento, e designado para reger a cadeira de Prática Pedagógica da citada Escola; 1925, a 18 de junho: nomeado Inspetor Geral, e dispensado do cargo de diretor da E. N. de Campinas; 1930, a 24 de dezembro, nomeado Assistente Técnico do Ensino Normal; 1932, a 26 de maio, quando São Paulo já estava entregue aos seus destinos gloriosos: na marcha para o Movimento que regaria rubramente as trincheiras para que vicejassem as sementes da dignidade paulista, nomeado, em comissão, Diretor Geral do Ensino, tendo por antecessores Sud Mennucci (1931-32), Manuel Bergstrom Lourenço Filho (1930-31), Amadeu Mendes (1927-30), Pedro Voss (1924-27), Guilherme Kuhmann (1921-24), Antonio de Sampaio Dória (1920-21), Oscar Thompson (1917-20), J. C. Bueno dos Reis (1911-17), Oscar Thompson (1909-11), João Lourenço Rodrigues (1907-8), Mario Bulcão (1896-907), Artur Guimarães (1885-896).

Em outubro de 1932, o crepe da angústia cobria o coração de São Paulo e João de Toledo deixava a Diretoria do Ensino, sendo nomeado para o cargo de Assistente da 9.ª cadeira da Escola Normal da Praça da República, em que se conservaria até a sua aposentadoria, publicada a 1.º de maio de 1935.

Começara professor. Havia de morrer professor. Trinta e cinco anos de serviços prestados ao magistério do Estado de São Paulo. E faleceu a frente de uma casa com a qual partilhara seu próprio coração, oferecendo-o à criança desvalida, dando-lhe o conforto de seu carinho e o amparo seguro de sua experiência: o Instituto D. Ana Rosa, onde tive oportunidade de o ver numa visita pelas alturas de 1936. Faleceu como 1.º secretário de uma instituição que seia pelas tradições históricas de São Paulo, so-

dalício cujo quadro integrou pelo reconhecimento de sua cultura. Refiro-me ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Cultura em João de Toledo é todo ele, a sua formação e a sua ação, cultura adquirida por esforço próprio, procurada pela consciência do que ela representa e não imposta em cursos organizados. A cultura conquistada espontaneamente, porque, acima de tudo, é ídeal e não instrumento para exercer qualquer profissão. Cultura procurada como se busca o pão de cada dia. Os homens que conseguem essa cultura são os seus sacerdotes por vocação e no ministério que exercem deixam traços indelévels porque se santificam.

Os santuários físicos em que se abrigaram desaparecem, mas no céu do pensamento são sombras, sim, "sombras que vivem". Sim, paradoxalmente, sombras viventes porque são sentidas, são compreendidas e são obedecidas...

Lourenço Filho ao lhe saudar um dos livros, precisamente "Sombras que vivem", escrevia no "Estado de São Paulo":

"João de Toledo é um dos nossos educadores mais completos. Mentalidade superior, armada de uma sólida cultura, não lhe falta nem mesmo aquele fundo de fina sensibilidade, tão necessário a quem trata com o infante ou o adolescente, para neles poder comunicar algo de puro e de bom. João de Toledo é um desses homens — hoje tão raros — em que a ilustração não secou as delicadezas do sentimento, antes alargou os domínios da bondade e floriu das melhores galas todos os estos do coração".

Mas para quem também era poeta, e poeta a cantar pelo coração, jamais haveria de endurecer a sensibilidade ou de encarcerar a bondade, principalmente quando o poeta é um educador como João de Toledo.

A amostra aqui vai, furtada de um caderno de recordações e tendo ante os olhos o próprio original a lapis, escrito, no escriptorio, numa tarde bonita de outono, enquanto a cadeira de balanço acompanhava o ritmo dos versos que nasceram como um apelo a todos os corações:

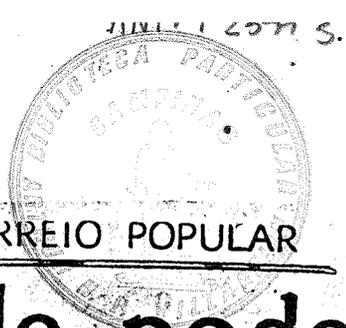
*"Pelas ruas tiritando,  
Sem pão, sem lar, sem escola,  
Andam crianças, vagando,  
A pedinchar uma esmola.*

*Tenho dó de vé-las, quando,  
Inda vazia a sacola,  
Param p'ra ver, cobçando,  
Uma boneca... uma bola...*

*Quereis lhes dar o que sobra  
Em vossa casa? — A fartura,  
A quem dá, Deus sempre dóbra.*

*Dando alegria à pobreza,  
Cresce mais vossa ventura,  
Cresce mais vossa riqueza"*

Não me contento com essa apênas para que se prove a sensibilidade afetiva e estética de um João de Toledo pouco conhecido e menos divulgado.



Quarta-feira, 3 de Julho de 1957

CORREIO POPULAR

# Um nome que a cidade pode e deve homenagear

“... Na clareira da mata, à entrada do campo, quase à beira do rio, foi a taba tupí, onde nasceu Tiassú. Era linda essa aldeia de índios: a residência do chefe e mais seis ocas apenas, longas como túneis, com paredes de canas e ramadas, cobertas com fôlhas de pindoba. Uma fonte clara e sussurrante, dentro da oca, jorrava de sob a fronde verde de um tufo alto de palmeiras. Em torno, a caçara, em vasto círculo de fortes troncos, rijamente fincados um ao lado do outro. E, protegendo o cercado, um fosso profundo o contornava, para prevenir surpresa de um ataque inimigo. Nessa minúscula cidade, homens e mulheres, velhos e crianças viviam, sem aperto nem constrangimento, abrigados pela dupla trincheira que as guerras contínuas tornavam necessárias.

Em baixo, duzentos metros talvez, à sombra da mata virgem, espreguiçavam-se as águas mansas do rio, na tranquilidade de um grande lago esverdeado. Aí estava Graúna, sob um Ipê Amarelo, quando nasceu Tiassú, o primeiro dos filhos da índia mais famosa da aldeia. Tomou-o ela nos braços, lavou-o, ali, na corrente, e, deitando-o nas fôlhas secas, debaixo de um manacá, atirou-se alegre ao banho, como uma pata selvagem. Mergulhou, veio à tona, esborrifou a água em redor, nadou de um lado para o outro, sacudiu os cabelos molhados, correu pela areia da margem, agarrou o filhinho e voou para a oca, onde se achava o marido, o valente Abaeté...”

Quem não se lembra desta e de mais uma centena de lições figurantes em o livro “Sombras que Vivem”, de autoria do inesquecível professor João Toledo — João Augusto de Toledo — que andou aqui por Campinas, em nossa Escola Normal — atual Instituto de Educação Carlos Gomes — lá pelo ano de 1923?

Quem não se lembra dêle, o magnífico mestre de então?

Pois bem. João de Toledo não era campineiro, mas... Viveu entre nós por alguns anos. Editou, aqui em Campinas, na tradicional e saudosa “Casa Genoud” — que por muitos e muitos anos funcionou no prédio hoje ocupado pela “Drogasil” à rua Barão de Jaguara — sempre lembrado e adorado livro “Sombras que Vivem” São sombras que vivem, pois jamais serão esquecidas por aqueles que lá por volta de 1923 e até 1928 frequentaram os bancos escolares.

João Augusto de Toledo passou. Sua obra, seu livro, sua sombra, a Tapa Tupí, Hans Staden, Anhanguera, Pedras Verdes, Piragibá, A Filha de Iniguassú, Jaguncos, Os Pes-

cadores, o Seringueiro, etc., etc., são sombras que não passaram e que jamais passarão. Passarão, isto sim, de pai para filho, para netos e assim sucessivamente, pela eternidade afóra.

Pois bem. João Augusto de Toledo não nasceu em Campinas Mas, que importa isso? Aqui viveu, trabalhou e dividiu, com a cidade, parte do seu saber, parte daquilo que possuía, proporcionando aos filhos de Campinas os ensinamentos básicos para um amanhã venturoso.

João Augusto de Toledo não nasceu aqui em Campinas Não. Nasceu em Tietê, a 12 de marco de 1879, e faleceu na cidade de S. Paulo a 21 de dezembro de 1941, há 16 anos, portanto.

Do “Dicionário dos Autores Paulistas” de Luís Correia de Melo, extraímos:

“... foi aluno da segunda turma da Escola Complementar de Itapetininga, tendo recebido em 1900 seu diploma de professor. No ano seguinte, foi nomeado adjunto do grupo escolar de Serra Negra, sendo no mesmo ano, meses depois, elevado ao car-

go de diretor. Removido, em 1908, para a diretoria do Grupo de Rio Claro, aí permaneceu até 1913, quando passou a ocupar o cargo de lente de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal de S. Carlos. Foi removido para Campinas a 31 de janeiro de 1921, com a missão de reger a cadeira de Prática Pedagógica da Escola Normal. Em 1925 é nomeado Inspetor Geral do Ensino, e, em 1930, assistente técnico do Ensino Normal em S. Paulo. Em 1932, o governo confia-lhe a direção geral do Ensino no Estado. Exerceu as funções de assistente da 9.ª Cadeira da Escola Normal da Praça da República. Representou S. Paulo em vários congressos pedagógicos. Aposentado, consagrou-se à direção do Instituto Dona Ana Rosa. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Historiador, ensaísta, pedagogo, sociólogo, psicólogo, etc.

— Alaôr Malta Guimarães —

BIBLIOGRAFIA: “Aprender a ensinar”, por Sheridan e White, trad. de parceria com Erasmo Braga, 1922; “Sombras que Vivem”, Campinas, tip. Genoud, 1923; “O Crescimento Mental!” S. Paulo. Imprensa Metodista, 1925; “Escola Brasileira” Impr. Metodista, 1925; “Didática” São Paulo, Liv. Liberdade, 1930; “Planos de Licão” S. Paulo Liv. Liberdade, 1934; “São Paulo” variações sobre a história paulista, S. Paulo, Impr. Metodista, 1939; “Anhanguera” “Rafael”, “O Bom Ginásiano”, “Bandeirantes”, “Pioneiros do Ensino Primário” etc.

Pois bem. Já dissemos que êle não nasceu em Campinas. Dissemos também que o seu trabalho, sua obra não tinha fronteiras pois tôda ela foi destinada ao ensinamento dos campineiros, dos paulistas, dos brasileiros, portanto.

E quem pratica o bem, que trabalha em prol de uma coletividade, não pode ser homenageado em apenas uma cidade, ou tão somente em sua cidade natal. O bem não tem fronteiras, não tem pátria.

Assim, salvo melhor juízo, à memória dêle, uma rua da Princesa D'Oeste.



## JOÃO TOLEDO

O prof. João Augusto Toledo é uma das mais expressivas figuras da história do magistério bandeirante.

Nascido em Tietê, neste Estado, a 12 de maio de 1872, João Toledo, após os primeiros estudos, ingressou na Escola Complementar de Itapetininga, onde fez o curso com distinção.

Educador por vocação, João Toledo fez carreira brilhante, assumindo os mais variados cargos do magistério público; foi diretor do Grupo Escolar de Serra Negra, do Grupo Escolar de Rio Claro, lente de Pedagogia da Escola Normal de São Carlos, diretor da Escola Normal de Campinas, Assistente Técnico de Ensino, diretor da Instrução Pública de São Paulo e, já aposentado, diretor do Instituto Ana Rosa, na Capital.

Toledo, que não descurava do aprimoramento intelectual, além de grande cultura, possuía o dom de, quer escrevendo ou orando, transmitir com facilidade e perfeição, o seu pensamento; a clareza de suas preleções tornava as suas aulas muito apreciadas.

Apesar de sua atarefada vida funcional, João Toledo teve oportunidade de escrever magníficos livros que, até hoje, enriquecem as estantes de educadores.

Em 1925, surgiu a 1.ª edição de "O Crescimento Mental", trabalho de psico-pedagogia que alcançou merecido êxito. Antes, em 1923, já havia publicado, para a leitura de jovens estudantes, o "Sombras que Vivem".

Surgiram depois outros livros de sua autoria: "Escola Brasileira", "Planos de Lição", "Didática" e "São Paulo", trabalho sobre a história paulista, onde o autor realça as suas qualidades nacionalistas.

João Toledo foi um ardoroso propagandista da inclusão do desenho pedagógico no currículo das Escolas Normais.

Esse emérito educador, que pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e que representou, por diversas vezes, o Estado em congressos pedagógicos, faleceu, em São Paulo, a 21 de dezembro de 1941.

Em reverência à sua memória, o Grupo Escolar de Cerquilho, que então se localizava no município de Tietê, recebeu a denominação de Grupo Escolar "Prof. João Toledo".

O prof. Antônio D'Ávila, quando Diretor do Departamento de Educação instituiu naquele órgão estadual a "Galeria de Diretores" e ali foi incluído o retrato de João Toledo.

Por essa ocasião, foi distribuída à imprensa uma biografia do notável educador e dela transcrevemos este trecho: "Didata de méritos reconhecidos, sociólogo e historiador, escritor de obras apreciadas, Toledo foi também com esses créditos, um professor de civismo e de brasilidade, que amou a sua terra e dignificou a sua gente.

Espirito atilado, acordou cedo para as pugnas da inteligência, operário de si mesmo, criou com tenaz esforço sua cultura pedagógica, sobrepondo-se no corpo do magistério como ledor incansável de obras de ciências e de história do país; além da avançada bibliografia norte-americana sobre educação.

Mestre de muitas gerações, figura respeitada de estudioso e de escritor de raros méritos, em Toledo ainda se incluía o predicado de excelente oratória e o atributo de labor sem descanso e favor da educação".